

CECCONELLO, Paulo Eduardo; NAVARRO, Grácia Maria. TRANSVIADO: no sagrado e no profano o corpo travestido. Campinas: UNICAMP. Mestrado; Profa. Dra. Grácia Maria Navarro. Dançarino e ator.

RESUMO

Travestir-se! Travesti! Disfarce sob o traje de outro sexo. Desejo de ser outro, outra, na verdade! Esconder as formas retas, os ombros largos, a barba, para cinturar o corpo, deixá-lo mais próximo do ideal feminino criado ao longo da história. Apresentamos aqui a construção de um corpo que borra o limiar da feminilidade e da masculinidade, a travestilidade. Uma corporeidade forjada na dualidade do sagrado, nas casas de candomblé e do profano, no período monino, o carnaval.

Palavras-chave: Travestismo. Candomblé. Carnaval

ABSTRACT

Cross-dressing ! Transvestite ! Under the disguise costume of the other sex . I desire to be another , another , indeed! Hide straight forms , broad shoulders , a beard to cinturar the body , leave it closer to the ideal female created throughout history . Here are the construction of a body that blurs the threshold of femininity and masculinity, travesti . A corporeality forged in the sacred duality in Candomblé houses and the profane in monino period, the carnival.

Keywords: Transvestitism. Candomblé. Carnival

Ser índio, super-herói, ser bicho, ser algum personagem da história mundial são alguns exemplos da complexa criatividade dos foliões nos blocos carnavalescos brasileiros. O carnaval é o momento para realizar seus desejos mais esdrúxulos, portanto o travestismo, a troca do masculino pelo feminino, é tradicionalmente recorrente. Homens se constroem como caricaturas femininas para “dar adeus à carne”, transgredindo as normatizações muito bem estabelecidas entre macho e fêmea presentes na contemporaneidade. Historicamente podemos ressaltar a importante presença de Madame Satã (1900-1976), que circulou pelo teatro de revista da década de 50, no Rio de Janeiro, e em 1938 venceu o concurso com uma fantasia que o tornaria conhecido por todo o Brasil.

O travestismo é parte fulcral na caracterização dos foliões em todos os cantos do Brasil. Sua ocorrência está implícita nos jogos libidinosos característicos da própria festa. Longe dos mandamentos cotidianos, o carnaval é o terreno dos remanescentes, é “[...] uma festa perigosa, depravada, na qual ‘as ligações’ mais secretas transparecem, em que a virgindade é dúbia e inútil, a honra, uma caceteação, o bom senso, uma fadiga” (DEL PRIORE, 2011, p.149). Embora a estruturação social brasileira seja patriarcal e machista, repelindo qualquer traço de feminilidade em corpos de nascença masculina, pois, ser um homem brasileiro é sinônimo de sobriedade, contido e sem

exageros, o universo do carnaval confronta essa construção de masculinidade, deixando-a dúbia e sem contornos definidos.

O carnaval transtorna o dilema brasileiro, dilema este delineado pelo antropólogo Roberto DaMatta (1991). Para o autor, ele compreende-se na dualidade público e privado, a casa e a rua. DaMatta argumenta que a rua é atribuída ao indivíduo, em uma perspectiva institucionalizadora da sociedade; no público temos os macroprocessos políticos e econômicos nos quais vigora a adversidade da lei e da repressão. No reverso temos a orbe da casa, onde podemos tecer leituras culturalistas, ligadas ao cotidiano íntimo, no oposto do indivíduo; nesse lugar nos tornamos pessoa, personagem de uma história, aconchegados na cordialidade do privado, governados pela solidariedade. O carnaval amotina essa lógica estabelecida, a casa invade as ruas, libertam-se as intimidades, conta-se ao mundo as fantasias secretas, expõem-se em praça pública os desejos.

Comungando desse pressuposto, o travestismo desempenha importante posição de destaque na festividade orgástica carnavalesca. Homens que estão totalmente submetidos aos padrões comportamentais atribuídos à masculinidade, durante o carnaval, não se intimidam em adotar roupas, acessórios e comportamentos histriônicos femininos. Uma faceta dos foliões é composta por homens que, mesmo paramentados de mulheres, permanecem em posturas viris, não se esquecendo de sua condição de macho, ressaltando o momento singular e lúdico do carnaval.

Porém, podemos destacar a presença de travestis que se enveredam no carnaval buscando uma fissura para penetrar e existir na forma como são: homens-mulheres. No período momino existe uma pluralidade muito grande; essa variedade enorme de tipos permite que as travestis passem despercebidas, sofrendo pouca violência verbal e física nos dias do festejo. Espaços artísticos como os teatros, casas de espetáculos, blocos carnavalescos, concursos de fantasia e de beleza se revelam como terrenos férteis para a estruturação e visibilidade das performances dos gêneros não-heterossexuais, porém a “apropriação homossexual do carnaval” (GREEN, 2000) tornou-se o percurso através do qual as homossexualidades galgavam espaços e aceitação, o que lhes é negado no resto do ano, conquistando e ocupando lacunas que permitem resistências simbólicas capazes de validar outras realidades sobre gênero e sexualidade.

O travestismo transgride a ordem binária da sexualidade, uma eterna metamorfose resultante da incapacidade de transmitir o biológico no vestuário. A polaridade dos sexos e o adestramento cultural sexual não resultam apenas na realidade biológica: o choque das visibilidades de gêneros possibilita outras maneiras dentre as representações identitárias de ser mulher ou homem.

Segundo Butler (2003), o mundo ocidental ocupa-se na manutenção da matriz heteronormativa, repulsando todas as sexualidades não-heterossexuais e as performances de gêneros não binárias, ou seja, abominando tudo o que não se enquadra no homem em oposição à mulher, submetendo-as à marginalização, como aberrações, tachando-as como perigosas. Os não-heterossexuais compõem a negação estrutural dos padrões sexuais, sua existência empoderada torna-se ameaçadora aos paradigmas que sustentam a sexualidade e o gênero tidos como “saudáveis”.

Perucas, vestidos, maquiagem, saltos, brincos, pulseiras, meias-calças, lentes de contatos, cílios postiços, enchimento nos seios e/ou nos quadris,

depilação ou pelos à mostra, esculpir a cintura, redesenhar a sobrancelha, coreografias e muita dublagem... São todos elementos importantes para a “montação”, o travestir-se, fundamentalmente essenciais para o “close”, seja nas ruas ou nos shows nas boates. Não buscamos ressaltar as singularidades entre transformistas, travestis, drag queens, transex... Para nós, travestir-se está em todo corpo que se desgarrar dos padrões masculinos e roça na feminilidade. Sabemos que cada “montação” é ritualizada e muito diversificada, no entanto todas buscam em diferentes níveis camuflar os atributos masculinos e esforçam-se por alcançar o feminino idealizado. Desse modo, utilizamos o conceito de “travestilidades” (MISKOLCI, PELÚCIO, 2007), pois configura a terminologia capaz de abarcar os diversos ângulos que compõem a diversidade que essa categoria de identidade pode abarcar, assinalando a variedade na desconstrução e reconstrução dos corpos, corpos estes que, submetidos à hetero-normatividade, rompem as regras do status quo, gerando dúvidas nos códigos de inteligibilidade de gêneros.

Sob a ótica do candomblé, os papéis entre masculino e feminino são definidos: os homens, os Ogãs, fazem os sacrifícios e tocam os instrumentos musicais, e as mulheres, as Ekedis, limpam os espaços e cozinham, efetuam as tarefas domésticas. Ambos representam a polaridade do masculino e do feminino. Porém, segundo Birman (1995), percebemos uma diversidade de gêneros que ultrapassa o binômio macho X fêmea. Tal possibilidade estaria assentada nos laôs, os rodantes, os que “viram no santo”, os que são afetados pela possessão:

“ a condição de filho de santo corresponde a um gênero na medida em que este adquire, por intermédio do processo de iniciação, certas marcas irreversíveis e que dizem respeito à sua definição em termos de estatuto sexual. Essas marcas na verdade reduzem-se a uma, fundamental: trata-se da já mencionada perda de virilidade provocada pela possessão” (Birman, 1995, p. 98).

Podemos destacar o simbolismo que a possessão tem entre as religiões de origem iorubanas no Brasil, pois, nessa visão, os capazes de viver o transe, de ser possuídos pelos orixás, tornam seus corpos simbolicamente receptáculos capazes de guardar, acomodar e esposar as entidades que se manifestam; assim, tornam-se o feminino e a força mítica do orixá, o masculino, casando os dois princípios polares da sexualidade.

Desse modo, essas premissas da autora permitem-nos a compreensão da superposição das regras de gênero no universo religioso do candomblé, ultrapassando as regras de identidade sexual. Afinal, ao estar disponível para intermediar o sagrado, disponibilizando seu corpo como intersecção do *aiê*, mundo humano e o *orum*, mundo espiritual, concebem homens ambivalentes nas performances de gênero:

“[...] de uma definição primeira nenhum filho de santo escapa – ainda que de uma forma não

consciente essa condição revele um estatuto de gênero específico, dado pela relação com a possessão. A ambiguidade em termos da identidade sexual vincula-se ao que há de específico nessa condição, e é dela que devemos nos ocupar para melhor entender esse fenômeno” (*ibidem*, 1995, p. 99).

No candomblé, cada um é destinado a um orixá, e essa confluência de filho de santo e seu orixá determina o temperamento que o indivíduo terá, pois o predomínio de dados elementos no caráter do *laô* o identificará com seu “santo de cabeça”. Contudo, incluem-se também as predileções sexuais e identificação de gêneros. Os orixás se constituem em três ordens: *Yabá*, feminino, *Olodés*, masculino e *Metá-Metá*, ambíguos, híbridos. Essas categorias incluem todos os orixás. Embora *Yabás* tenham vagina e *Olodés* tenham pênis, homens e mulheres humanas podem ser filhos indiscriminados de qualquer categoria de orixás; o que determinará isso é a performance de gênero que cada filho de santo assumirá, masculizados ou feminilizados não se limitam à sua designação biológica sexual.

Um homem filho de uma *Yabá* pode muito bem se identificar com o gênero feminino, pois dentro da casa de santo serão atribuídas a ele funções exclusivamente femininas, como lavar a louça, servir a comida; mesmo sendo do sexo masculino, sua “orixá de cabeça” impõe como devem ser destinadas as funções devocionais que ele deve cumprir, e o deixa livre para realizar seu desejo sexual por outros homens. No próprio universo mitológico, os orixás expressam livremente sua sexualidade, os humanos legitimam suas práticas sexuais ao ressaltar os atributos voluptuosos de seus orixás.

Após a possessão, o filho de santo será paramentado conforme a liturgia sagrada determina. O *laô* de *lansã*, por exemplo, terá seu figurino sagrado composto por anáguas, *goma*, saiote engomado com angu de amido de milho, avolumando e deixando armada a saia que foi confeccionada em tecido fino, como rendas e cetins; o dorso é amarrado com tecido igualmente rico como o da saia, seus braços ficam desnudos porque ela, a orixá, é muito ferosa e não aguenta de calor. Ainda os braços são adornados por muitas pulseiras no metal cobre, que ela sacoleja fazendo barulho para que todos vejam sua presença no *xirê*. Colares também são usados, sem esquecer um *abé* lindo que adorna sua cabeça, preferencialmente na cor vermelha, de tom bem intenso. Toda a vestimenta é muito feminina e sensual, mesmo que o corpo do *laô* seja visivelmente masculino, um homem travestido de feminino.

Quando os atabaques começam a ressoar ao toque atribuído a *lansã*, ela sai destemida a cumprir seu rito performático. No momento em que a cantiga *Zambelé Zambelé* é tocada, *lansã* levanta suas saias e deve imediatamente procurar os “santos homens” para cortejar e enamorar-se por ela. Nesse momento os outros orixás incorporados que são *olodés* e estão presentes no mesmo *xirê* vão em direção a *lansã* incorporada e, sem pestanejar se é um homem que suporta sua manifestação, cumprem o rito de

dançar sensualmente juntos, aproximando seus quadris numa real conexão sexual.

BIBLIOGRAFIA

BIRMAN, Patrícia. “Fazendo Estilo, Criando Gênero”. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1995

BUTLER, Judith. “Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade”. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

DA MATTA, Roberto. “Carnavais, malandros e heróis”. Rio de Janeiro, Zahar, 1981

_____. “A casa e a rua”. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 1991.

DEL PRIORE, Mary. “Histórias Íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil”. São Paulo: Planeta do Brasil, 2011.

GREEN, James Naylor. “Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX”. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

MISKOLCI, Richard; PELÚCIO, Larissa. “Fora do sujeito e fora do lugar: reflexões sobre performatividade a partir de uma etnografia entre travestis”. Revista Gênero, Niterói, v. 7, n. 2, p. 255-267, 1. sem. 2007. In, <http://www.ufscar.br/cis/wp-content/uploads/02112009-124220miskolcipelucio.pdf> acessado em 20/12/2015.